

Sucederam-se velozes os 12 anos que transformaram a sociedade portuguesa depois da revolução de Abril.

Todos eles, na sua marcha, nos seus avanços e recuos, deixaram marcas, ergueram marcos. São ramos gerados do tronco-raiz que o 25 de Abril plantou, fecundado pela vontade dum povo que não se rendera e que teve expressão na generosa e lúcida determinação dum punhado de militares que, finalmente, entenderam e encontraram resposta para a sua mais genuína missão - SERVIR O SEU POVO.

Em 12 anos, doze vezes os portugueses têm feito deste dia uma festa. E nós, militares de Abril, dela temos feito uma jornada de reencontros. De reencontros entre nós, mas de reencontros também de todos nós com o ideal que nos juntou e animou.

Por isso queremos, ano após ano, contribuir para tornar estas festas dignas da festa maior que invocamos.

A marcha do Portugal de Abril viu já abrirem-se e encerrarem-se vários ciclos.

Fechou-se primeiro, breve, o "ciclo da revolução". Inconclusivo até porque, pela sua própria natureza, nunca nenhuma revolução está concluída. Mas fechou-se com os militares, fiéis aos seus compromissos, dando a palavra ao povo e assegurando a tomada de poderes pelos seus representantes, saídos das eleições mais livres que alguma vez se haviam realizado em Portugal.

Cumpriu-se o "ciclo da transição", em que a dinâmica revolucionária, assumida pela própria Constituição de 1976, terá tido expressão excessiva para uns, enquanto para outros foi demasiado tímida. Também este se encerrou, com os militares a respeitarem a palavra dada, aceitando escrupulosamente a transferência dos seus poderes legítimos, com a dignidade que em contrapartida terá faltado aos políticos que formalizaram essa transferência.

-2-

Há quem pretenda que se concluiu agora o "ciclo do presidente da República militar". Com mais rigor se deveria referir o "ciclo em que militares foram presidentes da República". Mas o próprio conceito contém equívocos que não são inocentes. Não pode deixar de ferir a sensibilidade democrática, que se confundam numa mesma série, os militares que presidiram aos 48 anos de ditadura e os militares que presidiram aos 12 anos de liberdade. Insulta a legitimidade constitucional que se agrupem, seja sob que título for, os militares que, antes do 25 de Abril, fraudulentamente chegaram a presidentes contra a vontade dos cidadãos e o militar que foi eleito e reeleito, pela vontade maioritária do seu povo, livremente expressa.

Se algum outro ciclo, agora se fechou, ele foi apenas o dos militares de Abril que, na Presidência da República, asseguraram a consolidação da democracia. E que no final dos mandatos, na transparência da exemplar participação cívica que o nosso povo só conheceu depois do 25 de Abril, em normalidade, transferiram os seus poderes.

Podemos e possivelmente devemos, nós militares de Abril, sentir-nos insatisfeitos e inquietos, com as condições de vida que, passados 12 anos, ainda castigam grande parte dos portugueses.

Mas podemos, e seguramente devemos, sentir-nos orgulhosos, pelo exemplo de desapego ao poder que demonstrámos. Todos estes ciclos menores, em que com mais ou menos empenhamento participámos, inscrevem-se afinal no ciclo maior que é o do 25 de Abril. Este, sempre aberto, insusceptível de ser encerrado, porque é o percurso da democracia. É a via da esperança na justiça social progressivamente ampliada, na liberdade cada vez mais participada, na riqueza melhor distribuída, nos direitos mais respeitados, nos deveres mais assumidos, na cultura mais acessível.

Sentimo-nos ainda compensados porque os reflexos do 25 de Abril romperam as nossas fronteiras e estão presentes nas dinâmicas doutros povos, com problemas porventura mais complexos que os nossos, mas cujas lutas, depois de 1974, assumiram acelerações e impulsos decisivos. O espírito de Abril repôs, na sua autenticidade, a nossa vocação de relacionamento ecuménico, provado historicamente no humanismo renascentista, que foi o traço dominante dos descobrimentos portugueses.

Tenhamos ou não consciência disso, estes 12 anos foram anos de mudança. Somos um país que já mudou.

Nesta evolução, também as gerações se vão rendendo. É hoje adulta a juventude de ontem e a juventude de agora era então infância.

As novas gerações vivem, na realidade de hoje, sem totalmente se aperceberem, a realidade de Abril. É da filosofia do conhecimento que a percepção valorativa duma realidade, depende da consciência do seu contrário. Ora os quadros de referência em que a juventude cresceu, a memória que não tem do passado recente, limitam a compreensão dos absurdos condicionamentos em que viveram as gerações anteriores. O colonialismo e a guerra, a repressão estudantil e sindical, a marginalização cívica, o obscurantismo cultural, o isolamento internacional, configuram um passado sombrio, cuja proximidade a juventude não sente e cuja invocação pouco a sensibiliza.

Para ela, os valores que estiveram na génese do 25 de Abril são dados adquiridos, cuja repetição no discurso de cada dia soa a redundância. A afirmação do 25 de Abril tem de passar por aquilo que, nele implícito, está ainda por cumprir.

Sem desprezar a pedagogia inteligente, aliciante, inovadora, dos valores adquiridos e do que significaria a sua liquidação, há

que dar respostas aos anseios da juventude, compreender o seu inconformismo, alimentar a sua generosidade. Anseios que, a partir das liberdades adquiridas, se identificam com segurança no emprego e no salário, com a paz, com uma vida digna para todos. Inconformismo que saudavelmente persistirá, enquanto não se encontrarem soluções para problemas que ameaçam o futuro, relacionados com a escola, a habitação, a saúde, os transportes, a burocracia. Generosidade, que está disponível para causas como a conservação da natureza, o combate à discriminação sexual, a cultura liberta de tabus, o aproveitamento dos tempos livres, o convívio aberto e sem fronteiras.

A transformação da sociedade também passa por aí.

Orgulhamo-nos do 25 de Abril mas, parafraseando Garrett, diríamos que ele não pode ser só o que foi, nem pode cristalizar no que é, sob o risco, até, de negar o que foi. Tem de se prolongar no futuro.

Aproprie-se a juventude do 25 de Abril, cultive os seus valores fundamentais e que estes constituam as referências dominantes na solução dos seus problemas concretos .

É esta, hoje, a mensagem da Associação 25 de Abril.

Não pretende ser uma passagem de testemunho, nem um render da guarda.

Pretende ser apenas um olhar em frente e, compreendendo os contornos que se desenham no horizonte, ser uma afirmação de solidariedade com os que irão percorrê-lo.

E isto porque a A 25 A, pretendendo-se depositária fiel do espírito e dos valores de Abril, não quer fechar-se em si mesma, desejando pelo contrário ser um espaço aberto, onde estes problemas se confrontem.

Pretendemos ser um pólo aglutinador da unidade, onde possam confluír diferentes sectores políticos e sociais, diversos extratos profissionais, variados grupos etários, multiplas manifestações culturais. Com independência de espirito, com autenticidade criativa, com irreverência critica, com tolerância democrática.

Por isso seremos incómodos e, porque incómodos, começamos já a sofrer a ofensiva de quem se perturba com o papel que poderemos desempenhar.

A ofensiva atingiu-nos e vivemos neste momento situações difíceis. Mas às quais sobreviveremos e das quais sairemos reforçados. Com a efectiva participação dos sócios e apoiantes, com o apoio dos amigos e simpatizantes, com a compreensão dos portugueses, a A 25 A será um referencial obrigatório do Portugal democrático.

Serenos perante o passado, firmes no presente, confiantes no futuro. É este o estado de espirito com que comemoramos doze anos de revolução.

No ciclo que se encerra, no novo ciclo que se abre, o ciclo maior que se prolonga.